

O Vestido Colorido da Princesa Amina



Amina tinha seis anos, dois joelhos sempre ralados e uma coroa feita de papelão dourado.

A coroa já estava um pouco torta. Numa ponta, faltava uma estrela. Na outra, havia uma mancha de geleia.

Mesmo assim, todas as manhãs, o pai se curvava quando ela entrava na cozinha.

— Bom dia, princesa Amina!

— Bom dia, rei do pão torrado! — respondia ela.

Amina não vivia num castelo. Morava numa casa de portão azul, com vasos de manjerição na janela e uma cachorrinha chamada Pipoca, que tinha medo de borboletas.

Naquela terça-feira, chegou uma caixa pelo correio.

— É da tia Safira! — anunciou a mãe.

Tia Safira morava em Acra, uma cidade de Gana, país da África Ocidental. Nas chamadas de vídeo, sempre mostrava a Amina alguma novidade: uma rua movimentada, uma fruta do mercado, uma música que tinha ouvido.

A menina correu para buscar sua coroa.

— Presentes internacionais devem ser abertos por uma princesa!

Dentro da caixa havia uma carta, duas fotografias e um tecido de algodão com estampas em amarelo, verde e vermelho. As formas se cruzavam como pequenos caminhos coloridos.

— Parece que o sol foi brincar de pintar! — disse Amina.

A mãe leu a carta em voz alta:

“Minha querida Amina, escolhi este tecido para você. Aqui em Gana existem muitos tipos de tecidos, roupas e estampas. Gostei das cores deste porque me lembraram de seus desenhos. Que ele acompanhe uma aventura bonita. Com amor, tia Safira.”

Amina esticou o tecido no chão.

Pipoca se aproximou, cheirou uma pontinha e se acomodou bem em cima dele.

— Pipoca! Você virou a guardiã do presente!

A menina tentou puxar o pano, mas a cachorrinha deu um suspiro tão dramático que todos começaram a rir.

Depois do almoço, Amina teve uma ideia.

— Mamãe, posso usar o tecido para fazer um vestido para a festa da escola?

A festa seria no sábado. Cada criança poderia apresentar algo de que gostasse: uma música, uma história, um desenho ou uma pequena invenção.

A mãe, que gostava de costurar, examinou o tecido.

— Podemos fazer um vestido simples, se você me ajudar a pensar no modelo. Mas vamos medir antes de cortar.

Amina trouxe papel, lápis e a régua mais comprida que encontrou.

Desenhou um vestido com mangas redondas, saia rodada e... oito bolsos.

— Oito? — perguntou a mãe.

— Um para cada tesouro importante!

— E quais seriam esses tesouros?

Amina contou nos dedos:

— Uma pedrinha, uma fita, duas folhas bonitas, um desenho dobrado, uma concha, um biscoito e... ainda não sei o último.

A mãe riu.

— Um biscoito no bolso pode virar farelo. E oito bolsos vão deixar esse vestido pesado. Que tal fazermos dois?

Amina pensou bastante.

— Dois bolsos grandes?

— Combinado.

Na tarde seguinte, a casa virou uma pequena oficina. A mãe marcou as medidas, alinhou as partes e deixou Amina escolher os botões.

Eram dois botões amarelos, redondos como miniaturas do sol.

Amina ajudou a separar linhas, recolher retalhos e guardar alfinetes numa caixinha longe de Pipoca.

— Pronto! Sou a assistente oficial da costureira real — anunciou.

Foi quando aconteceu o primeiro desastre.

Uma rajada de vento entrou pela janela e levou o molde de papel direto para o quintal.

— Meu vestido está fugindo! — gritou Amina.

Ela correu atrás do papel. Pipoca correu atrás dela. O molde foi parar debaixo do banco, e a cachorrinha achou que a missão era cavar um buraco.

Quando conseguiram recuperá-lo, o papel estava amassado e cheio de marcas de patinhas.

Amina olhou para a mãe, preocupada.

— Estragou tudo?

A mãe alisou o molde sobre a mesa.

— Não. Ainda podemos usá-lo. Às vezes, fazer alguma coisa bonita dá trabalho e exige paciência.

Amina passou a mão sobre o tecido.

— Acho que a tia Safira mandou uma aventura mesmo.

Na quinta-feira, o vestido estava quase pronto. Faltava apenas ajustar a barra.

Amina correu ao espelho, deu uma voltinha e abriu os braços.

A saia balançou como uma flor ao vento.

— Olha, mamãe! Parece que as cores estão dançando!

Na sexta-feira, a menina pediu para conversar com a tia Safira por vídeo.

— Tia, seu presente virou um vestido de festa!

A tia abriu um sorriso enorme quando viu a roupa.

— Ficou lindo! Quem fez?

— A mamãe costurou e eu escolhi os botões. Também salvei o molde de uma ventania. Pipoca tentou ajudar, mas quase enterrou tudo.

Safira gargalhou.

Amina mostrou seus dois bolsos.

— Eu queria oito, mas agora acho que dois são suficientes. Posso perguntar uma coisa? Todas as meninas de Gana usam vestidos assim?

— Não, querida. Cada pessoa tem seu estilo. Há roupas tradicionais usadas em ocasiões especiais, roupas do dia a dia e muitas maneiras diferentes de se vestir. Gana tem cidades, povos e costumes diversos, como acontece em tantos lugares.

Amina ficou feliz por ter perguntado.

— Então meu vestido é um vestido que inventamos aqui, com o tecido que você escolheu lá!

— Isso mesmo. É uma criação da sua família.

No sábado, chegou o grande dia.

A escola estava enfeitada com desenhos. Havia pais, avós, irmãos pequenos e uma mesa de sucos.

Quando Amina entrou, Sofia veio correndo.

— Seu vestido é maravilhoso! Parece uma festa andando!

Amina sorriu e ajeitou a coroa de papelão.

— Obrigada. Foi uma aventura fazê-lo!

Na hora das apresentações, um menino mostrou um carrinho que construía com caixas. Outra criança cantou com o avô. Sofia exibiu um enorme desenho de peixes que pareciam usar sapatos.

Então chegou a vez de Amina.

Ela subiu ao pequeno palco, segurando a mão da mãe.

— Eu trouxe uma roupa que fizemos juntas — começou. — Minha tia Safira mandou o tecido de Gana, e nós transformamos em vestido. Aprendi que tecidos e roupas podem ser diferentes e que cada família inventa suas próprias lembranças.

Ela deu uma volta para mostrar a saia.

Tudo ia muito bem, até que ouviu um som baixinho.

— Cric... cric...

Amina congelou.

Um dos botões amarelos havia se soltado e rolado pelo palco.

Ploc! Ploc! Ploc!

Foi parar perto do pé da professora.

A plateia ficou em silêncio.

Amina sentiu o rosto esquentar. Olhou para a mãe. Depois, olhou para o botão.

E teve uma ideia.

— Atenção! — anunciou, com voz de apresentadora. — O sol número um acabou de sair para passear!

As crianças riram.

A professora pegou o botão e o devolveu.

— Ele quer voltar para casa — disse.

Amina fez uma pequena reverência.

— Obrigada. Vou guardá-lo até a costureira real costurar de novo.

Em vez de esconder o botão, colocou-o num dos bolsos.

O público aplaudiu.

Quando a apresentação terminou, a mãe abraçou a menina.

— Você não ficou triste com o botão?

— Um pouquinho. Mas depois pensei: até princesas podem ter botões aventureiros!

Em casa, a mãe costurou o botão no lugar, agora com pontos mais firmes.

Amina guardou a carta da tia no primeiro bolso e uma pequena fotografia das duas conversando pela tela no segundo.

A coroa de papelão continuava torta.

O vestido tinha vivido sua primeira festa.

E a princesa Amina descobriu que os melhores tesouros nem sempre brilhavam: às vezes, eram feitos de tecido, cuidado, risadas e histórias que uma família construía junta.

Naquela noite, quando o pai perguntou o que a princesa desejava para o jantar, ela respondeu sem hesitar:

— Macarrão, majestade. Mas sem molho nos meus bolsos!

E até Pipoca pareceu concordar, abanando o rabo debaixo da mesa.

Fim.

Perguntas sobre a história

Converse com as crianças depois da leitura e acolha respostas diferentes.

1. Como se chamava a menina que usava uma coroa de papelão?
2. Quem mandou o tecido colorido para Amina? De qual país ele veio?
3. O que Amina queria fazer com o tecido?
4. Por que a mãe sugeriu fazer apenas dois bolsos?
5. O que o vento levou para o quintal?
6. O que aconteceu com um dos botões durante a apresentação?
7. O que Amina guardou nos dois bolsos depois da festa?

Para imaginar: Se você pudesse criar uma roupa especial, quais cores e detalhes escolheria?